

# Utopia kitsch

Fernanda Baldiotti



## Bichos humanizados

aparecem no quadro  
"Hotmonkeys"  
(160 x 130cm), de 2010

## Fase atual de telas

menores como o  
"Cantinho rosa"  
(40 x 50cm), de 2013

Apreciar um quadro de Ana Elisa Egreja demanda tempo. São tantos elementos reunidos numa mesma tela que é impossível apenas passar o olho sem prestar atenção aos detalhes. E eles são muitos. Todos contribuindo para a construção de cenários surreais, numa evidente estética kitsch. Com apenas 30 anos, a jovem pintora paulista já chama atenção no universo das artes. Para se ter uma ideia, os 18 quadros em exibição na Galeria Leme, em São Paulo, foram vendidos antes mesmo da abertura da exposição individual da artista, que já participou de uma mostra na Bélgica e acaba de lançar pela Editora Cobogó um livro que reúne sua produção mais significativa.

Material não falta. Ana Elisa chegou a pintar 40 telas em um ano, numa rotina de dez horas diárias de pintura. O ritmo diminuiu com a chegada de João, seu primeiro filho, em dezembro do ano passado. Mas não muito. Em janeiro, a artista já estava de volta ao ateliê.

– O João polarizou meu trabalho em telas enormes e pequenas. Além disso, posso dizer que ele preencheu um espaço. Desde que ele nasceu, minha primeira pintura grande foi o "Jardim refletido", de

um ganso na banheira. Sinto que venho esvaziando aos poucos as casas que pinto, mas sem abrir mão de elementos como os revestimentos de azulejos e os reflexos dos vidros – diz ela, que hoje tem uma rotina de nove horas de produção, seis no ateliê e três em casa.

No apartamento, na Vila Madalena, Ana Elisa mantém algumas referências ao estilo kitsch de suas obras – como nas coleções de globos de neve e de garrafinhas de saquê –, mas com moderação para não entrar em atrito com o marido, que, ela admite, não curte muito a estética no décor:

– Por mim, minha casa seria muito mais fantasiada do que é. Mas confesso que sou uma acumuladora. Meu armário é lotado de coisas.

A casa onde fica o ateliê de Ana Elisa reflete bem mais o estilo que ela imprime nas telas: repleto de azulejos portugueses, com móveis e objetos amontoados deixados pela família desde a morte da avó (a antiga proprietária), outra acumuladora compulsiva:

– Minha avó pintava aquelas coisas de vó, como vasos de flor, e construiu um cômodo próprio para

isso, bem iluminado – diz sobre o imóvel da década de 1950 que fica no Jardim Europa. – Mas é um lugar que frequentei pouco na infância. Não me traz lembranças do passado.

O cômodo onde era o quarto de costura da mãe, no entanto, involuntariamente a marcou. Os tecidos e linhas abriram um espaço para telas e bisnagas de tinta quando ela entrou para a faculdade de Artes Plásticas na FAAP.

– Eu colava rendas nas telas e pintava por cima. Depois é que resolvi reproduzir o tecido no quadro. Fora que a primeira vez em que eu fui pintar um bicho também foi a partir de um tecido estampado de galos do ateliê da minha mãe.

As estampas e a relação com a moda transparecem nos quadros. E seguem para o dia a dia: ela acompanha as temporadas de desfiles, mas só por conta do trabalho. No guarda-roupa, prefere terninhos e jeans. Renda? Só se for a da coleção de inverno 2008 da Prada, que levou para uma tela. Será que ela gostaria de criar estampas para grifes?

– Não sei se eu toparia. Só se fosse algo bem específico, para o Marc Jacobs talvez... – brinca ela. – A minha





**"O Jardim refletido"**  
(195 x 300cm),  
de 2013

**"Festinha no ateliê vermelho"**  
(200 x 165cm),  
de 2010



PINTURA

intenção não é multiplicar o meu trabalho para ele ser reproduzido como o do Andy Warhol. E a moda traz essa popularização.

Apesar dessa filosofia, Ana Elisa não conseguiu negar um pedido do cantor Nando Reis e acabou fazendo uma tela especialmente para a capa do disco "Sei".

- O Nando é um colecionador de arte. Tem pintura minha. E fez a tela a partir de identificações com a música dele.

Em pastas que ela coleciona desde o início da carreira, estão arquivos de imagens tiradas da internet.

- Eu uso o computador para fazer um Frankenstein dos ambientes que crio. Na hora de pintar, invento a sombra, crio uma relação entre seres e objetos. Mas nenhum daqueles espaços é do mundo real. Tem um toque artificial, apesar de os quadros serem muito realistas.

No fim, essa miscelânea de elementos parece - e é - muito mais uma colagem do que uma fotografia.

- Não tenho interesse em reproduzir um ambiente real. Tenho uma utopia de criar um mundo ideal. Às vezes isso fica meio exagerado, como nos ambientes em que tudo é rosa, mas no fundo tem uma harmo-

nia, embora dentro dessa linha kitsch, meio cafonão.

Percorrendo a coleção das obras de Ana Elisa, fica evidente que ela não gosta de pintar figuras humanas. Mas os bichos que retrata são capazes de posar, ler jornal e até fazer sexo. Levá-los para os quadros, ela garante, foi puramente um instinto estético, e não uma predileção específica por animais, como chegaram a cogitar.

Ana Elisa vê beleza em galinhas e sapos. Quando criança, nas idas para a fazenda, levava galinha para a casa, pegava sapo com a mão, colecionava besouros... Mas o que a influenciou foram as cenas de caça de pinturas holandesas.

- Não existe pintura sem o gosto do pintor. Na mi-



Ana Elisa Egreja: tudo começou no quartinho de costura da mãe

nha, é bem difícil entrar o ser humano. Não tenho interesse em retratar algo igual a mim. Não tenho interesse por pele ou roupa.

Na fase mais recente, ambientes abandonados ganharam destaque. Mais uma vez, o comportamento humano é retratado, embora não haja uma figura humana sequer em cena. E os animais foram perdendo o destaque, entrando na cena como coadjuvantes. Dos 18 quadros em exposição, por exemplo, apenas quatro ainda têm bichos.

- Qualquer ser vivo tira o foco do ambiente. Agora, tenho buscado inseri-los quando eles entram a favor do discurso. Estou gostando mesmo é do vazio deixado por alguém que passou por um lugar - define ela.